

Deu prá ti anos 70

Por Taíse Farias Kodama*

Para poder analisar esse filme é preciso relembrar a situação que se viveu na época.

A década de 70 foi marcada pela incerteza. A juventude aparece muitas vezes como uma massa boba que não participou dos movimentos do final de 60, portanto pouco merecedora de atenção. Por outro lado, ainda vivendo sob a ditadura, os jovens se vêm no compromisso de dar continuidade aos movimentos revolucionários, e o lugar da ideologia para forçar as mentes e os corpos a se posicionarem é uma constante na vida destes. Ou se é revolucionário ou se é *bocomoco*. Essa década é um momento de muita conturbação. Vê-se de um lado a ideologia, de outro a *praxis* do dia-a-dia.

É nesse caldeirão de efervescências que passeiam os personagens de *Deu prá ti anos 70*. Um filme sensível e cuidadoso nos detalhes que tornaram muito realista e muito próximo. Como o próprio Giba diz, é um filme que fala *portoalegrês*. O filme conta mais do que um simples passar de décadas, e através dos encontros e desencontros de Céres e Marcelo, nos leva a conhecer pessoas reais, que se fossemos jovens na época, possivelmente fariam parte de nossa roda de amigos. O que impressiona bastante, é a brincadeira que se estabelece no binário: vai e vem, que está na música de Nei Lisboa, nos flash-backs, no vaso que os garotos jogam na escada. Através desse realismo cotidiano se discute no filme a imprensa, o cinema, a informação e a liberdade de forma extremamente natural, sem falsos discursistas, sem heróis, só com gente comum.

Cravado de elipses, o filme apresenta situações fragmentadas que complementam o jogo de vai e vem. Mas, vê-se que tem uma característica marcante de não descartar o simples que é essen-

cial. O desfilar dos personagens se dá de uma maneira simples, verossímil. Ainda que uma fala, um personagem, não estejam diretamente envolvidos na ação dramática principal, seus resmungos, gestos, não são descartados. Méritos para o roteiro, que deve ser divino, e para a direção e direção de fotografia, que criaram um ambiente tão presente e rico pela simplicidade com que aborda os detalhes.

Os personagens, adolescentes despertando pro mundo, são reflexo e espelho para a década de 70. Eles apresentam-se angustiados pelas pressões sociais, pelas dúvidas, pelas convenções assim como, ainda parecem crianças, cheios de traquinagem, levados pelo prazer puro. Nesse misto de brincadeira e ingenuidade, está o tempero que tange o filme e acompanha o amadurecimento dos personagens, junto com suas incertezas enquanto Nei Lisboa canta: quantos anos tem meu coração.

A câmera e seus movimentos fazem registros, mostram silhuetas, mas em nenhum momento pude percebê-la como ponto-de-vista, tomadora de partido. Uma das preciosidades do filme é não apontar caminhos certos e errados, deixar espaço para a mente de quem assiste viajar junto, cada qual a sua maneira. Mas há uma outra dualidade que se faz presente, sem ser passado e futuro. É briga tesão x ideologia. Mas como pode haver um sem o outro. Eis o que buscavam Céres e Marcelo.

Em uma parte do filme eles iniciam uma discussão a respeito do apartamento onde pretendem morar. Viver ou morar? Viver se vive em qualquer lugar, morar todo mundo mora. Nessas pequenas coisas viviam os momentos mais interessantes das tentativas dos personagens. Nessas discussões observa-se que naquela época, os jovens entre si permitiam-se falar direto, responder uns para os ou-

tros, sem essa insuportável hipocrisia que se instaurou em meados dos anos 80. Recheado de palavras da nossa gíria portalegrense da época, o texto flui tão bonito e tão poético, seja nos escritos de Marcelo, seja no linguajar de turma, cheio de f.d.p. Não ficou feio nem de mau gosto, nem foi usado por usar, para aparecer, era apenas realista.

O filme aproveita muito bem a cidade de Porto Alegre mostrando gente cotidiana em lugares cotidianos. Céres e Margareth vão ao *super*, a turma vai lanchar no *Ribs* (ali na 24) lugar da moda na época. Estão presentes nele tudo que fez parte da vida de um adolescente portalegrense da década de 70: colorado tirando sarro com gremista, reunião dançante, futebol do pessoal da rua Marcílio Dias no Menino Deus, essas coisas! Isso o faz tão nosso, mas não o faria se a abordagem não fosse a que foi, se a condução não fosse tão neutra na decisão de não deixar postulados ou *moraisinhas babacas*.

Dentro da situação em foi filmado, se utiliza de uma linguagem primorosa que é fiel às pessoas da época, ao clima vivido. Foi muito feliz na sua abordagem de ideologia como um novelo no qual, quanto mais tu procuras a ponta, mais tu te enrolas. E nesse sentido todos, todos estão embebidos de maneira total e indissolúvel, confusos, vivos e extremamente apaixonados.

Os personagens

Não poderia deixar de fazer um aparte a respeito dos personagens. Em primeiro lugar percebi a independência ou autonomia que cada personagem tem na trama, não sendo um mera moldura para o aparecimento de outro.

Fica evidente, ainda que todos sejam igualmente importantes para o resultado final da narrativa, que Céres e Marcelo são os personagens principais, dos quais acompanhamos a trajetória.

Marcelo, poeta, escritor, contista, maluco, sonhador, e mesmo assim nada caricato, nada herói, nem bom nem mau.

Céres parece uma menina mais contida quanto a descarga de emoções, se preocupa com o que vai fazer de vida, tem dúvidas quanto a sua utilidade no mundo, parece frear um pouco a impulsividade de Marcelo.

Mas nada os faz opostos, antagônicos, como as novelas insistem em fazer com seus pares românticos.

Espere aí. Uma dúvida me persegue. Quem é Margareth?

Uma menina quase andrógena em seu comportamento parece resistir aos conceitos e quebrar convenções. Mas por quê? Qual é seu papel entre Marcelo e Céres.

E, no final de tudo, ou início, o primeiro dia dos anos 80 é um dia amanhece cinza e até frio. E ainda essa menina que aparece no sonho dos dois por fim, parece de fato um sonho, uma abstração, ou até, veja só que paradoxo, um ponto de referência a tudo quefoi, e se foi, com anos 70. Margareth era a geração 80 tão temida por eles, tão descompromissada com tudo.

* Aluna do VII semestre do
curso de Publicidade e Propaganda
FAMECOS - PUCRS

ASSIS BRASIL, Giba. *Espaços do cinema gaúcho*.
Publicação em NÓS OS GAÚCHO 2. Editora da
Universidade/UFRGS, POA, 1994.

ASSIS BRASIL, Giba. *Eu do meu lado aprendendo a ser louco*. resposta à Gustavo Spolidoro.
<http://www.casacinepoa.com.br>

ASSIS BRASIL, Giba. *Cenas do cinema gaúcho*.
Publicação no jornal Trinta Dias de Cultura, abril
de 1990.

Site da Casa de Cinema de Porto Alegre:
<http://www.casacinepoa.com.br>